CLÁUDIA MARIA VIEIRA

EJA E A MATEMÁTICA

TAPURAH

2013

O presente trabalho tem o objetivo de explanar uma reflexão sobre a EJA e as dificuldades enfrentadas pelos discentes na área de exatas.

Diante da importância dessa formação coloca-se em questão a aprendizagem do jovem que, enquanto sujeito singular, possui uma história de vida, aprende e reconstrói seus saberes na experiência.

A educação é um direito de todos e a EJA tem por objetivo principal integrar esses cidadãos na sociedade, garantindo o direito à educação.

Para isso recorre-se a necessidade de estabelecer algumas metas a serem alcançadas acerca da racionalidade do saber da experiência, capazes de abarcarem todo o significado e amplitude dessa dimensão do trabalho do professor com o aluno, saber de sua realidade, seus anseios, planos e expectativas.

Desta forma apresenta-se através dessa discussão a constituição da EJA como modalidade de Ensino de jovens e adultos através de aulas diferenciadas para que atenda todos os públicos com suas dificuldades e limitações.

O professor deve mostrar a matemática como uma ferramenta construtora do conhecimento e não uma disciplina difícil de entender, deve-se aproveitar ao máximo a experiência de vida do aluno, estimular idéias novas, deixar que eles busquem no seu cotidiano novas soluções para as situações problemas.

Estudos preliminares ao longo dos tempos foram realizados onde a Matemática foi apontada, por alunos e professores, como a disciplina mais difícil de ser aprendida, atribuindo assim a causa do insucesso escolar de jovens e adultos.

Ao tomar conhecimento do universo cultural dos jovens e adultos, conhecendo as histórias de vida destes excluídos gera-se um objetivo de promover a inclusão social através da matemática, para que de alguma forma facilite a concretização de um ideal vivendo plenamente suas cidadanias.

Devemos manter um olhar que segue a lógica disciplinar de organização da educação escolar de Ensino Fundamental, assumindo que, não obstante suas limitações conhecidas, é a forma como os professores e os alunos percebem a organização do conhecimento e a aprendizagem.

Transferir aos alunos que a atitude pode ser desenvolvida e que tudo é flexível, ou seja, que pode ser transformada de negativa para positiva, é fundamental para o profissional da Educação Matemática e, particularmente, para os que atuam na Educação de Jovens e Adultos.

A Educação de Jovens a Adultos – EJA - nesta última década esteve vivenciando uma nova era.

A teoria em torno da Educação de Jovens e Adultos acompanha a história da educação como um todo, que por sua vez acompanha a história dos modelos econômicos, políticos e social de um país que aparentemente prioriza a Educação.

È importante que seja diagnosticado o universo numérico no qual está inserido o jovem e adulto e para tal, a escola juntamente com o docente devem promover situações que exigem análises como por exemplo, dados estatísticos e gráficos simples encontrados em jornais e revistas, numeração das ruas, leitura da conta de luz, enfim, dados ou informações nas quais aparecem números.

Enfim, podemos afirmar que a trajetória histórica da EJA em nosso país sempre sofreu interferências do contexto histórico-sócio-político de cada época e na atualidade, a ênfase na educação de jovens e adultos desperta muitas discussões mas sabemos que será realmente de grande contribuição para nossa sociedade se essas pessoas dispostas a aprenderem fora da idade convencional conseguirem se qualificar de forma prazerosa e consciente de suas limitações para o mercado de trabalho, oferecendo assim uma vida melhor para os discentes e para o mundo num contexto geral.

Existem muitas discussões da Educação de Jovens e Adultos que precisam ser levados em consideração quando se fala em aprender matemática, entre elas: as experiências de vida, a maturidade, o nível intelectual e prioridades nas necessidades.

Essas pretensões determinam o que há de fundamental no ensino, seja da disciplina que for, seja no nível que for.

Uma forma adequada para ensinar o jovem e adulto fora da idade para aquela série em que se encontra é um dos muitos assuntos discutidos pelos principais educadores no país, a proposta pedagógica contida no plano de ensino, objetiva desenvolver análise e atitude crítica frente à realidade e discute em vários segmentos a necessidade de adaptar os conteúdos à realidade sócio-cultural e política de seus educandos.

Portanto, exercer a cidadania é uma missão pública em busca de igualdade social e na prática solidariedade e humanização do ser.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa em Matemática realizada numa escola Educação de Jovens e Adultos – EJA. Teve como objetivo abordar a importância do uso da Linguagem Matemática e suas representações na EJA. Durante duas semanas foram desenvolvidas junto aos estudantes atividades de leitura, interpretação e resolução de situações-problema em Matemática. Os dados indicam que ao trabalhar uma matemática prazerosa e cultural voltada para o dia-a-dia dos alunos os conceitos matemáticos são mais compreendidos e assimilados por eles.

Palavras-chave: Linguagem Matemática; Educação de Jovens e Adultos; Alfabetização

* INTRODUÇÃO

EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma modalidade de ensino que abrange a formação tanto de jovens como de adultos, que não tiveram o privilégio de concluir os estudos básicos na idade apropriada. A educação é um direito de todos e a EJA tem por objetivo principal integrar esses cidadãos na sociedade, garantindo o direito à educação e escolarização.   
A Matemática faz parte da grade curricular da EJA, sendo de grande importância na formação do caráter sócio-educacional do educando.   
Ao adentrar na modalidade de ensino EJA, o professor deve mostrar a Matemática como uma ferramenta construtora do conhecimento e não uma disciplina cheia de regras e teorias decorativas que reprova. Deve-se aproveitar ao máximo a experiência de vida do aluno, estimular ideias novas, deixar que eles busquem na sua vivência soluções para situações problemas correlacionadas ao seu meio social.   
  
Busque avaliar o aluno de forma graduada, a EJA necessita de uma avaliação contínua e diferenciada dos modelos normais, realize trabalhos e pesquisas em sala, pois grande parte dos alunos dessa modalidade de ensino trabalha durante o dia, o que impossibilita confeccionar tarefas extraclasse, estimule o trabalho em equipe, a coletividade auxilia na busca por melhores resultados.   
Mostre a importância da Matemática, o quanto ela é útil para a sociedade moderna, trabalhe com dados informativos, a interpretação e a análise de situações cotidianas contribuem para a autoconfiança do estudante.   
Introduza nos planejamentos das aulas situações que envolvam os temas transversais: saúde, meio ambiente, orientação sexual, ética, relacionando-os com o ensino da Matemática.   
Trabalhe a interdisciplinaridade: relacione a Matemática com outras disciplinas e áreas do conhecimento, como Biologia, Física, Química, Geografia, Contabilidade, Engenharia, Administração e etc.   
Analisando, considerando e aplicando esses aspectos, o ensino da Matemática terá um resultado satisfatório, contribuindo para a formação de pessoas dinâmicas que poderão participar ativamente dos diversos ambientes de sociabilizarão.

Para o ser humano exercer a cidadania é necessário saber calcular, medir, raciocinar, argumentar e resolver situações-problema. Assim sendo aprender Matemática é um direito básico de todas as pessoas e uma necessidade individual e social do ser humano e sendo por isso, fundamental na formação de jovens e adultos.

No entanto a forma pela qual a Matemática está sendo abordada com memorizações de regras ou de estratégias para resolver problemas não vem contribuindo para uma boa formação, em especial aos alunos da Educação de Jovens e Adultos, pois os conteúdos são poucos significativos para os estudantes.

Ao trabalhar na escola com a Educação de Jovens e Adultos – EJA pude pecerber a deficiência de aprendizagem dos alunos, principalmente no que diz respeito à matemática, pois eles têm grandes dificuldades de compreender os significados das palavras, e também de pensarem de forma prática para resolverem problemas. Não conseguem distinguir de início as operações a serem utilizadas na resolução de problemas, têm uma leitura lenta e fragmentada, não respeitam a acentuação e pontuação o que dificulta a interpretação dos textos. Isso se deve a experiências negativas que tiveram anteriormente com métodos ineficientes e/ou insuficientes.

Devido a essa defasagem no ensino da Matemática e sua importância, foi escolhido para estudo o tema: “A Linguagem Matemática na Educação de Jovens e Adultos”, no intuito de ajudar os alunos na aprendizagem significativa da Linguagem Matemática e, portanto reverter esse quadro, pois esses jovens e adultos pouco ou não escolarizados enfrentam em seu cotidiano momentos que exigem leitura de números, contagem e cálculo. Para essas competências serem atingidas é necessário que o trabalho desenvolvido integre a língua portuguesa e a matemática.

Isto irá ocorrer na medida em que o professor solicitar aos alunos que, leiam, interpretem e escrevam pequenos textos com informações matemáticas, utilizando as linguagens, nas formas escrita e oral, adequada a cada situação.

2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Falar sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil é falar sobre algo pouco conhecido.

Além do mais, quando conhecido, sabe-se mais sobre suas mazelas do que sobre suas virtudes (HADDAD, 1994, apud FONSECA, 2002, p.13).

A EJA está dirigida para alunos de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada, que recorre ao sistema escolar na idade adulta ou na juventude. O distanciamento de sua vida escolar não lhe ocorre apenas como um acontecimento isolado de não acesso a um serviço, mas no ponto de vista mais amplo de exclusão social e cultural, portanto a EJA é uma educação que tem seu direcionamento voltado aos excluídos.

O episódio da exclusão definirá um jogo de tensões mais acirrado do que daqueles que estabelecem as propostas, as realizações e as avaliações na Educação Básica de crianças e adolescentes. Esse acirramento se dá devido ao cruz amento de interesses que determinam decisões e práticas pedagógicas na EJA, e que são, em geral, “menos consensuais do que na Educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados e oprimidos excluídos” (FONSECA, 2002, p.10). Com efeito, em relação aos alunos da EJA e a o lugar que se lhes deve atribuir na sociedade, no mercado, no capital, às instituições e aos indivíduos têm perspectivas diferenciadas e, não raro, concorrentes ou dificilmente conciliáveis, que condicionam “as concepções diversas da educação que lhes é oferecida” (ibidem, p.10) tanto quanto as condições políticas e materiais dessa oferta. A incorporação de jovens e adultos aos sistemas e práticas escolares se deu efetivamente devido a Constituição de 1988 que estabeleceu como obrigatório e gratuito, e dever do Estado todo o Ensino Fundamental. O artigo 208 da Constitu

ição Federal vigente (BRASIL, 1988), assegura que:

O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: I. Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II. Progressiva extensão de obrigatoriedade e gratuidade ao Ensino Médio. A Constituição de 1988 pretendia acabar com o analfabetismo brasileiro em dez anos. Em 1996, por meio da emenda 14, foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério –FUNDEF. Esse fundo forneceu verbas procedentes do recolhimento de impostos pagos pelos municípios e estados, repassados proporcionalmente ao número de matrículas realizadas nas respectivas redes de ensino no Ensino Fundamental. Por conta de um veto presidencial, naquele mesmo ano, impediu-se que as matrículas e as instituições participantes de Programas de Educação de Jovens e Adultos fossem incluídas na contagem que destina o pacote de verbas do fundo para municípios e estados. Dessa forma, o direito e a garantia ao Ensino Fundamental público, ficaria à mercê dos governantes sem o apoio do governo federal.

A Educação Matemática de Jovens e Adultos vem ganhando um lugar significativo entre professores, alunos, pesquisadores e responsáveis pela construção e efetivação de propostas institucionais dessa modalidade de ensino. De certa forma, isso reflete um deslocamento dessas preocupações: antes direcionadas à luta pelo direito à escola, elas agora se voltam para questões de ensino-aprendizagem, visando melhorar a

qualidade das iniciativas instaladas, exclusivamente pela consideração das especificidades do público a que atendem.

2.1 Especificidades do ensino de Matemática para Jovens e Adultos As especificidades do ensino de Matemática para jovens e adultos são conhecidas geralmente pelas mesmas características que estão nas demais áreas de ensino: alunos em condições especiais, aulas com limitações de tempo e de escassez de materiais e professores geralmente sem formação específica para essa atuação. Além dessas, somam-se outras variáveis específicas relacionadas ao mito que envolve essa disciplina (ela é apontada por professores e alunos como a disciplina mais difícil de ser aprendida).

O baixo desempenho no Ensino Fundamental, em Matemática, traduz-se em elevados índices de retenção e a faz atuar como um dos instrumentos do filtro social que seleciona os que terão ou não oportunidade de concluir esse segmento da Educação Básica. Os que abandonam a escola o fazem por diversos fatores de ordem social e econômica, mas também por se sentirem excluídos da dinâmica de ensino e aprendizagem.

Nesse processo de exclusão, o insucesso na aprendizagem Matemática tem tido papel destacado e determina o estabelecimento de uma atitude de distanciamento, temor e rejeição dos alunos em relação a essa disciplina que lhes parece tão inacessível quanto sem sentido. Nesses casos, o ensino da Matemática poderá contribuir para um novo episódio de evasão da escola, na medida em que não consegue oferecer aos alunos e às alunas da EJA razões ou motivação para nela permanecerem e reproduz fórmulas de discriminação etária, cultural ou social para justificar insucessos dos processos de ensino-aprendizagem (FONSECA, 2002, p.37).

Outro aspecto referente à educação dos alunos da EJA é que os conceitos, os procedimentos e as atitudes desenvolvidos no decorrer de suas vivências práticas, que emergem em suas interações sociais que compõem sua bagagem cultural são geralmente desconsiderados. Adota-se um tratamento escolar, desconsiderando a riqueza de conteúdos provenientes da experiência pessoal e coletiva desses alunos. Por causa disso a preocupação com a formação específica do professor para atuar na EJA é grande, pois partilha das mesmas dificuldades relativas à formação de professores: deficiência na formação acadêmica, interpretações equivocadas de concepções pedagógicas, ausência de publicações específicas para os profissionais. Com isso muitos professores se encontram obrigados a fazerem adequações que geralmente se limitam à exclusão de conteúdos, ou então tentam utilizar um livro inteiro em seqüência, ficando quase todo o período letivo trabalhando com seus alunos os conteúdos de uma única série escolar.

3. LINGUAGEM MATEMÁTICA

Os alunos da EJA, tendo pouca ou nenhuma experiência escolar, pensam, falam e executam por meio de diferentes linguagens, inclusive a Linguagem Matemática. De modo geral, esses jovens e adultos fazem cálculos mentais, pois eles estão presentes em sua vida cotidiana. Os mecanismos por eles utilizados para sobreviverem numa sociedade letrada como: receber e pagar dívidas, identificar preços dos produtos e pegarem o ônibus, muitas vezes revelam pouca experiência de leitura e escrita.

Na sala de aula, a Linguagem Matemática desempenha um papel fundamental, porque nesse ambiente os alunos estão constantemente em contato com a Linguagem dos professores, dos colegas e dos livros.

A leitura se dá quando há o envolvimento do leitor com aquilo que está sendo lido. O ato de ler e de ler a Linguagem Matemática está fundamentado nos atos humanos de compreender, de interpretar e de comunicar a experiência vivida. Assim, a leitura, quando é compreensão e interpretação, abre para o leitor novas possibilidades de compreensão de si, do outro e do mundo (DANYLUK, 1998, p.18). Após uma leitura existe a possibilidade de transformação do sujeito, pois ele modifica seus atos

de pensar e agir mediante ela, por serem abertas novas compreensões, ele se torna capaz de participar de forma crítica, ativa e reflexiva do lugar onde vive.

Para Danyluk (1998) a Matemática utiliza-se de signos para comunicar significados matemáticos, com isso a leitura ocorre a partir da compreensão e da interpretação dos signos e das relações implícitas naquilo que é dito Matemática. Sendo que nesse ato de conhecimento os atos de criticar e de transformar se fazem presentes.

A Matemática e a língua materna não podem ser trata das estritamente como uma linguagem formal, elas devem ter seus ensinamentos viabilizados na medida em que as pessoas se sintam construtoras e capazes de lidar com esse conhecimento de modo geral. A técnica e o significado são necessários à aprendizagem, portanto que a técnica não cause dano ao significado, caso contrário à língua materna e a Matemática serão instrumentos de mecanização.

3.1. O Educador e a Alfabetização Matemática na Educação de Jovens e Adultos

O adulto, que é um trabalhador, traz consigo uma Matemática sua, isto é, uma Matemática particular que precisa, a partir dela, ser sistematizada para assim ele poder entender a Matemática dos livros e também poder aplicá-la no seu trabalho, dando-lhe oportunidade do domínio básico da escrita e da Matemática, instrumentos fundamentais para a aquisição de conhecimentos mais avançados (SANTOS, 2005).

Portanto os educadores no processo de alfabetização Matemática de Jovens e Adultos são sujeitos capazes de identificar elementos matemáticos no contexto de seus alunos e analisar o significado dos elementos que constituem a alfabetização Matemática. Podendo investigar a Linguagem conhecida pelos adultos e articulá-la como conhecimento Matemático científico. Sendo que isso só será possível com a presença do educador.

De acordo com Santos (2005) o educador precisa ter uma prática pedagógica em sala de aula que é a formação inicial e continuada do alfabetizador. Nenhum educador adquire competência profissional apenas estudando.

É necessário, também, que sejam colocados diante da realidade em que irão atuar, já que ele é o mediador do conhecimento; e que é muito importante aprender a ensinar Matemática em classes populares, pois este é o seu grande desafio por exigir dele uma realidade muito diferente da que vive. Com essa convivência ele perceberá que seus alunos precisam aprender a Matemática a partir da realidade em que vivem. Dessa forma ela se tornará prazerosa, lúdica e com problemas voltados para o dia-a-dia desses alunos e até melhorando a auto-estima. Assim o educador será o mediador da relação que se estabelece entre o aluno e o conhecimento matemático.

Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2000, p. 52).

O educador deve saber do que o seu aluno é capaz de fazer antes mesmo de entrar na sala de aula, e partindo disso deve levar em consideração às experiências trazidas por eles, para haver o desenvolvimento da leitura e da escrita da Linguagem Matemática. Em seu artigo Santos (2005) afirma que o estudo da Linguagem Matemática na formação dos educadores constitui um desafio, tendo em vista a perspectiva de favorecer a integração com a prática do viver social desenvolvido nas turmas de

alfabetização de adultos, objetivando a formação de uma consciência crítico-social de sua cidadania. Ao conhecer o universo cultural dos jovens e adultos os alfabetizadores poderão se sensibilizar com as histórias de vida destes excluídos e poderão promover a inclusão social através da leitura e da escrita das palavras e dos números. “Compreendo a alfabetização Matemática, portanto como fenômeno que trata da compreensão, da interpretação e da comunicação dos conteúdos ensinados na escola, tidos como iniciais na construção do conhecimento matemático” (DANYLUK, 1998, p.20).

4. MATEMÁTICA E REALIDADE

Não é possível respeito aos educando, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece à importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 2000, p.71).

Os jovens e adultos trazem um conhecimento de vida e um aprendizado que geralmente não é aproveitado nas experiências de aprendizagem. Desvalorizando tanto o processo de construção do conhecimento como as histórias pessoais dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, na maioria das vezes caminham juntas com a concepção de aprendizagem mecanicista e cumulativa.

Muitos jovens e adultos dominam noções matemáticas que foram aprendidas de maneira informal ou intuitiva. Esse conhecimento que o aluno da EJA traz para o espaço escolar é de grande importância, devendo ser considerado pelo educador como ponto de partida para a aprendizagem das representações simbólicas convencionais. As situações matemáticas

apresentadas devem fazer sentido para os alunos no sentido de que possam realizar conexões com o cotidiano e com problemas ligados a outras áreas de conhecimento. “O aluno tem suas raízes culturais, parte de sua identidade, e, no processo, essas são eliminadas” (D`AMBRÓSIO, 1998, p.114).

O saber Matemático escolar é um direito para todos os alunos. A educação deve preparar o aluno para se incorporar á vida social e cumprir a sua cidadania, sendo essencial reconhecer que essa preparação deve estar ancorada em suas raízes culturais. Com o domínio dos elementos básicos de sua cultura e do respeito por eles, é que será possível compreender suas limitações e buscar seu desenvolvimento, através do

s processos típicos da dinâmica cultural.

As experiências de solucionar a baixa produtividade nos sistemas escolares por meio de

mecanismos classificatórios e punitivos têm como meio dificultar e impedir o ingresso das classes menos favorecidas da sociedade, crescendo assim o número de excluídos dos sistemas de produção e consumo e da participação social e política. Não valorizar outras formas de saber tem gerado a exclusão social.

A Etno matemática tenta dar conta da situação descrita acima. Por meio de estudos em história da Matemática e filosofia da Matemática procura uma maneira mais abrangente de explicar o conhecimento matemático. A Etnomatemática pode ser uma nova proposta educacional, com alvo de eliminar a exclusão social. “Em 1975 D ́Ambrósio propôs esse termo Etnomatemática para descrever as práticas Matemáticas de grupos culturais. Etno = contexto cultural próprio. Etnomatemática = matemática cultural” (SANTOS, 2005)

. Uma importante vertente da Etnomatemática se aproxima da Etnografia (que segundo o dicionário Aurélio é o estudo descritivo de um ou mais aspectos sociais e culturais de um povo, ou grupo social) e direciona os conhecimentos e fazeres de diversas culturas, como grupos étnicos, religiosos, comunitários e profissionais, e de exercícios diferentes. Que estão direcionadas à elaboração de saberes, às artes, ao dia-a-dia, ao lazer e ao lúdico. O programa Etnomatemática tem como conjunto de princípios entender o ciclo de geração, de organização intelectual e social, e da difusão do conhecimento.

4.1. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN

De acordo com os Parâmetros Curriculares, na educação de jovens e adultos a atividade Matemática deve estar orientada para integrar de forma equilibrada seu papel formativo de desenvolvimento de capacidades intelectuais para a estruturação do pensamento e o seu papel funcional de aplicação na vida prática e de resolução de problemas nas diferentes áreas de conhecimento. Deve preocupar-se ainda em ampliar não apenas modos de conhecer e atuar no mundo, mas também dos modos de apreciá-lo e conferir-lhe significados próprios.

Os alunos devem ser confrontados com situações-problema novas e compatíveis com os instrumentos que já possuem ou que possam adquirir no processo, com isso eles aprendem a desenvolver estratégia de enfrentamento planejando etapas, estabelecendo relações, verificando regularidades e fazendo uso dos próprios erros cometidos para buscar novas alternativas.

Adquirem espírito de pesquisa, aprendendo a consultar, a experimentar e a validar soluções, desenvolvendo sua capacidade de raciocínio. Adquirem auto confiança e sentido de responsabilidade; e, finalmente, ampliam sua autonomia e capacidade de comunicação e argumentação.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL. **Lei nº 9394**. Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta**

**curricular para educação de Jovens e Adultos**, 2002

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1975.

\_\_\_\_\_.**Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HARGREAVES, Andy; FULLAN, Michael**. A escola como organização aprendente.**

Buscando uma Educação de Qualidade. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos.

NÓVOA, António(org). **Os Professores e a sua formação**. 2ed. Lisboa, Portugal:Dom

Quixote,1995.

PILETTI, Claudino. **Filosofia da educação**. São Paulo: Ática,1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ:

Vozes,2002.